|  |
| --- |
| PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  LETRAS-PORTUGÛES  EDIVAN LUIZ DA SILVA  **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER DOS TEMPOS HODIERNOS E OS EFEITOS DE SENTIDOS DO CORPO FEMININO**    GOIÂNIA  2020  EDIVAN LUIZ DA SILVA  **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER DOS TEMPOS HODIERNOS E OS EFEITOS DE SENTIDOS DO CORPO FEMININO**  Trabalho apresentado ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.  Orientador: Prof.ª. Mª. EDILENE MARIA  GOIÂNIA  2020  EDIVAN LUIZ DA SILVA  **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER DOS TEMPOS HODIERNOS E OS EFEITOS DE SENTIDOS DO CORPO FEMININO**  Trabalho apresentado ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.  Aprovada em \_\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_  Banca examinadora  ­­­­­­­Nome do orientador/ instituição  Nome do professor/ instituição |
| A minha mãe, Noraneide Luiz Martins**.**    O poder requer corpos tristes. O poder necessita de tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência, porque ela não se rende. Alegria como potência de vida, nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria.  Gilles Deleuze |
| **RESUMO**  Assim como as linguagens, o corpo é atravessado pela história. Em cada parte da história o corpo é construído nos moldes da civilização a qual pertence, desempenhando diferentes papéis conforme a sua relação natural com o trabalho, a sociedade e a cultura. As mudanças dos padrões de beleza, ao longo do tempo, são moldadas a partir dos discursos vigentes de determinada sociedade. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise discursiva do corpo feminino, ou seja, investigar como é construída a identidade da mulher dos tempos hodiernos, buscando os efeitos de sentidos do corpo feminino através da cultura história e sociedade.  **Palavras-chave**: Corpo, identidade, mulher, ideologia.  **ABSTRACT**  Like languages, the body is traversed by history. In each part of history, the body is built in the mold of the civilization to which it belongs, playing different roles according to its natural relationship with work, society and culture. The changes in beauty standards over time are shaped from the prevailing discourses of a given society. In this sense, the present work aims to present a discursive analysis of the female body that is, to investigate how the identity of women in modern times is constructed, seeking the effects of the female body's senses through culture, history and society.  **Keywords:** Body, identity, woman, ideology.  SUMÁRIO  INTRODUÇÃO-----------------------------------------------------------------------------09   * 1. O DISCURSO---------------------------------------------------------------------------12   2. IDEOLOGIA   1..1.1 A IDEOLOGIA DO CORPO  1.2 A MATRILAIDADE DO DISCURSO  1.3 NAS ENTRELINHAS  1.4 A CONFIGURAÇÃO ENUNCIATIVA   1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER DOS TEMPOS HODIERNOS E OS EFEITOS DE SENTIDOS DO CORPO FEMININO -----------------------------22    1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER DOS TEMPOS HODIERNOS   2.2 OS EFEITOS DE SENTIDOS DO CORPO FEMININO  CONSIDERAÇÕES FINAIS-------------------------------------------------------------38  REFERÊNCIAS----------------------------------------------------------------------------40  **INTRODUÇÃO**  O tema de estudo se volta para uma leitura acerca do corpo, que se apresenta como revelador de sentido, e como objeto histórico justo por possuir uma realidade historicamente construída, que de forma social vem sendo discursivamente delineada, pressupondo que não há corpo sem história e com base nessa perspectiva se busca compreender a produção de sentidos expressados pelo corpo, especialmente no que tange o corpo feminino.  O mundo atual tem contemplado uma nova forma de discurso, em que os efeitos se fazem sentir por meio da denominada globalização, em que as comunicações se expandem e o sujeito pode incluir, em seu discurso, diversas ordens que não contemplam apenas unicamente a abordagem da língua.  Os modelos e as práticas sociais dentro dessa nova abordagem propiciam a construção de identidades que se fazem por mediação discursiva.  Assim, a vida moderna que ocorre em meio a esse sentido de globalização, imprime uma comunicação instantânea, em que se verifica a presença de uma constituição de universo simbólico.  A subjetividade acaba sendo percebida como maneira de diferenciação nas relações sociais, como forma de expor um discurso centrado no corpo, preconizado como lugar de história e de cultura e no qual a língua surge como estrutura permeada por ideologias, em que se verificam as enunciações e subjetivações, que decorrem do tempo e do espaço social.  Assim, as alterações verificadas na sociedade acabam sendo materializadas na língua e no discurso, que influenciam os sujeitos, transformando as relações sociais, proporcionado também uma indefinição identitária, que afeta de forma geral corpo o feminino em descompasso com as mudanças globais.  Essa perspectiva permite entender que o discurso acaba por se materializar na forma como o corpo se apresenta, e pela via do discurso se percebe como produzem sentidos no contexto em que se inserem, visto que a produção de sentidos decorre tanto do objeto significante como dos sentidos que são construídos por quem o lê.  Dentro dessa perspectiva o estudo se desenvolve com base em abordagem bibliográfica, mas que se aplica na análise de corpos, representados pelas imagens desses expressas, para permitir extrair dali sentidos, uma vez que se entende que o corpo é extensão do pensamento e tem finalidade em si mesmo, permitindo assim compreender o corpo como unidade de sentido, como texto, como efeito que dialoga com outros sentidos.  O estudo demonstra que o corpo expressa sentidos que se desdobram e que a análise de discurso permite problematizar esse corpo e a imagem como estatuto discursivo que se insere como manifestação social.  Com essa abordagem o texto se organiza em parte consideradas como capítulos, nos quais aborda os diferentes desdobramentos dessa perspectiva de estudo, enfocando o primeiro capítulo o conceito da análise de discurso, expondo conceitos e proporcionando entender a relação da linguagem com a ideologia e o posicionamento que se tem na materialização desse discurso.  Como forma de progressão ao assunto, o segundo capítulo se volta para a discussão acerca do corpo como materialidade discursiva e objeto simbólico, tendo em vista que nessa proposta se permite configurar o corpo como inscrição que gera ordem ao sujeito.  Nessa perspectiva, o texto discorre sobre a linguagem e como o corpo é atravessado pela história, de acordo com os moldes da civilização em que se insere, permitindo entender que as alterações sociais influem diretamente nos padrões do corpo ao longo do tempo, sendo esses aspectos moldados a partir dos discursos vigentes.  Assim, o texto faz relação do corpo feminino com a história, investigando como esse corpo é representado ao longo do tempo, em perspectiva da teoria do discurso, gerando análises que são expostas em uma materialidade que se verifica expressa por meio do corpo.  Diante dessa análise são expressos sentidos que implicam entender as representações que influenciam a identidade feminina no mundo contemporâneo, tendo em vista que esses efeitos extrapolam uma única percepção do discurso, proporcionado demonstrar que este tipo de estudo se apresenta relevante não apenas por direcionar sua percepção de análise para um enfoque de desnaturalizar preconceitos, que muitas vezes perpassam o discurso acadêmico, mas por permitir que se entenda essa forma de discurso na contemporaneidade.  **1 O Discurso**  De acordo com Brandão (2004, p. 106) se observa que o discurso nada mais é que efeito de sentido, ou seja:  O discurso não é fechado em si mesmo nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social no qual se diz para quem se diz, em relação a outros discursos.  Segundo a autora, a formação discursiva se estabelece através de uma regularidade constitutiva de enunciação que segue as mesmas normas ideológicas, ou seja, essas normas determinam o que pode ser dito ou quem pode dizer, de acordo com o tempo e o lugar.  Conforme aponta Brandão (2004, p. 11), os estudos linguísticos eram balizados pela dicotomia, língua e fala, que impôs um sistema a língua, entretanto os sentidos operam em uma outra instância, aquela na qual é o próprio discurso, que atua como elo entre o que é linguístico e o extralinguístico, ou seja, os sentidos são construídos através das condições estabelecidas pelo contexto sócio histórico.  Sendo assim, o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso (2004, p. 11). O discurso não é fechado em si mesmo, como a linguagem que serve de instrumento de comunicação, entretanto, é o elemento que extrapola a língua e conecta os sentidos com outros sentidos em diferentes linguagens.  De acordo com Brandão (2004), tendo como base o fato de que a análise do discurso tem seu nascimento em um contexto dos estudos linguísticos, em que predominavam as tendências conhecidas como estruturalistas, a língua é percebida como relação entre os elementos linguísticos, sendo de natureza social e abstrata, em oposição à fala cuja natureza se configura em ser individual e heterogênea.  Nessa perspectiva, o discurso é concebido como algo fechado em si, uma vez que se percebe como sujeito que acredita e utiliza o discurso, sendo esse uma formação que pode e deve ser dito a partir de um lugar social.  Dessa forma, a análise do discurso tem dois conceitos que se apresentam como essenciais, sendo o próprio discurso e a ideologia.   * 1. **Ideologia**   O termo ideologia não é muito fácil de ser definido, esse termo costuma ser utilizado em diversos sentidos. Chauí (1981, p. 25) aponta que esse termo foi utilizado pela primeira vez, em 1801 na França, pelo filósofo Desttut de Tracy, em seu livro “Elementos de ideologia”. O filósofo pretendia elaborar um estudo sobre as relações das ideias entre o corpo humano e o meio ambiente. De Tracy tinha uma postura severamente cética em relação às explicações metafísicas para os fenômenos naturais.  Nesse sentido, já é possível compreender que a ideologia é um conjunto de ideias que nem sempre condiz com a realidade, mas tem a ver com uma série de dogmas que norteiam o pensamento da sociedade. Tais dogmas são formados por conflitos entre as classes. Sendo que a classe dominante com intenções perniciosas, usa a ideologia como ferramenta de dominação, fazendo que suas ideias tragam a falsa sensação de igualdade para as demais classes. Por essa razão, De Tracy (1801), discordava de uma educação que fosse voltada para explicações que não condizem com a realidade. De Tracy defendia que para “formar um bom espírito" era necessário distanciar os fatos das explicações abstratas, de cunho metafísico ou religioso.  É muito fácil perceber os mecanismos ideológicos das classes dominantes nos dias atuais. Em pleno século XXI, é possível observar de perto a negação da ciência. O que é, na verdade, essa negação senão uma mera ferramenta ideológica de dominação? Sabe-se que uma das principais ferramentas, principalmente das ideologias dominantes, é de certa maneira alienar as classes dominadas da realidade em que vivem.  No século XXI a sociedade vivencia a era em que a informação pode ser carregada na palma da mão. Mesmo com inúmeras tentativas das elites em monopolizar a tecnologia tem se tornado cada vez mais democrática. Desde as classes operárias até as elites sociais têm acesso à informação em suas mais diversas modalidades. Chega a ser estranho pensar e até mesmo vivenciar esse momento histórico em que existe tanta facilidade em acesso à informação e, ao mesmo tempo, as pessoas estão extremamente desinformadas. Esse fenômeno ajuda a compreender mais sobre os mecanismos ideológicos, de tornar a (des)informação uma ferramenta de segregação, ou seja, existe um abismo muito grande entre a ideologia e a realidade.  Há vinte anos são projetados um futuro cheio de inovações tecnológicas. Mesmo diante dessas projeções, era difícil imaginar que seria possível carregar a vida inteira de um indivíduo dentro de um único aparelho. Há muito pouco tempo, o celular era considerado um objeto de luxo, e sua função era apenas de ser um telefone portátil. Agora, tornou-se uma ferramenta essencial, pois parece não ser mais possível existir sem ter um aparelho desses na palma da mão durante o todo tempo.  Nesse sentido, são infinitas as ferramentas e possibilidades que um pequeno aparelho pode proporcionar. Desde as atividades mais simples até as mais complexas do cotidiano são executadas por meio do celular. Por essa razão a tecnologia tem sido motivo de muitas controvérsias. No entanto, o que torna a tecnologia controversa é o fato de grandes avanços trazerem grandes retrocessos.  O excesso de informação deixou a população desinformada, ou talvez, propositalmente mal informada. Em detrimento ao conhecimento, o acesso espontâneo à informação permite que qualquer indivíduo se aproprie do local de fala do especialista, mesmo sem a formação adequada. Todo mundo já ouviu a seguinte frase, “eu não sou formado na área, mas eu li na internet...”.  É óbvio que a tecnologia representa uma grande ameaça para o domínio das classes dominantes por facilitar a comunicação e a informação. Ao mesmo tempo, se tornou uma grande ferramenta de dominação, pois a informação sem conhecimento proporciona que a sociedade se distancie da realidade. Talvez, seja melindroso apontar a tecnologia com uma das causas para o problema da desinformação, mas é escandalosamente notório que os poderes instituídos têm se apropriado dos aparatos tecnológicos para trazer desinformação para a sociedade.  Um exemplo muito pontual desse fenômeno são as famosas “Fake News”, que estão permeadas por todas as camadas da sociedade, mesmo naquelas em que possuem alto grau de escolaridade. Esse é outro exemplo bastante atual de ideologia. Por meio de mecanismos de linguagem, é possível denegrir completamente a imagem de um indivíduo, de uma instituição, de um partido político ou até mesmo de deslegitimar os próprios estudos científicos ou então de endossar a mentira como verdade absoluta.  Parece quase que inevitável se lembrar de um termo muito utilizado no meio religioso cristão, “a ideologia de gênero”. Do ponto de vista religioso, esse conceito tem relação com desvios dos padrões de comportamentos sexuais preestabelecidos, ou seja, de acordo com os dogmas das escrituras sagradas, tudo aquilo que se desvia da função heteronormativa, “macho e fêmea” é considerado uma blasfêmia perante Deus. Esse exemplo é importante para pensar que o termo ideologia restringe o conceito da palavra, portanto, seria mais abrangente falar sobre ideologias, no plural.  Os estudiosos da língua têm uma concepção diferente do termo “gênero”, pois se sabem que este está ligado à função social do discurso.  De acordo com Mikhail Bakhtin (1997, p. 290):  A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições especificas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.  Portanto, o mesmo termo (ideologia de gênero) engloba em si mais de uma ideologia. Aquele que restringe gênero é macho e fêmea e, também, aquela que compreende que gênero está interligado à função social. Portanto, se sabe que a cada instante surgem novas demandas socioculturais e, consequentemente, nascem novos papéis sociais e novos gêneros.   * + 1. **A ideologia do corpo**   Do ponto de vista filosófico, Friedrich Nietzsche ensina:  Eu sou todo corpo e nada além disso; a alma é somente uma palavra para alguma coisa do corpo; o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento do teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas ‘espírito’, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão (NIETZSCHE, 1992, p. 51).  Ao se observar, o corpo também é lugar de simbolização da história e da cultura. O corpo como a língua serve apenas como uma estrutura permeada e atravessada pelas ideologias que o cerca e, também, o compõe, encontra-se repleto de enunciações e subjetivações que vem do tempo e espaço social.  A disputa pelo poder começa na tentativa de sobrevivência. As relações de poder fazem parte de uma espécie de ecossistema. No entanto, o que torna o homem mais poderoso que os outros animais é a linguagem. Quando Nietzsche afirma *eu sou todo corpo*, ensina que não é possível dissociar o corpo do pensamento. Nesse sentido, é possível dizer: *Somos todos discurso,* sendo os corpos uma extensão das atividades de pensar e existir. O corpo como extensão do pensamento não tem sua finalidade em si mesmo, através dos sentidos ele se torna pensamento e produz matéria, torna-se mais compreensível ao se observar os corpos como unidades de sentido, ou seja, o corpo é o texto, a própria definição de discurso, é um efeito de sentido que dialoga com outros sentidos.  Do ponto de vista materialista, nenhum sentido é único, pois todos os sentidos são predeterminantemente configurados, ou seja, os sentidos servem ao corpo, mas é em si o próprio corpo, em uma dança orgânica e dialógica.  Com base na exposição de Pinto (2011), o corpo demonstra os sentidos que por esse se desdobram, permitindo assim problematizar o corpo e a imagem que esse traz como um estatuto discursivo, permitindo que os efeitos e condições de produção nos discursos sejam vistos como manifestações sociais, sendo esse aspecto mais bem trabalhado no próximo capítulo ao tratar dos efeitos de sentido no corpo.  **1.2 A materialidade do discurso**  De acordo com Koch e Elias (2006), no livro “ler e compreender os sentidos do texto” prevê a língua como apresentação do pensamento. Nessa concepção, a língua está no plano individual e psicológico, ou seja, o sujeito a partir de suas representações mentais elabora um enunciado e assim deseja que o interlocutor capture sua mensagem. Dessa forma, os sentidos se limitam ao locutor e restringem as possibilidades de significações de acordo com as intenções de quem o pronuncia sem as interferências externas.  As interferências externas ocupam o espaço que está inserido entre o dito e o não dito. Esse espaço amplia infinitamente as possibilidades de significados. O dito é em si a contingência da escolha de repertório do enunciador explícita no texto. O não dito é o não lugar, o vão entre as palavras em que são construídas as significações.  Embora seja um não lugar, o dito está muito bem situado no contexto histórico da fala, pois se sabe que a materialidade do discurso é apenas uma ferramenta linguística, utilizada de acordo com os parâmetros da linguagem social e histórica, ou seja, é a possibilidade de codificação, conforme as ferramentas que os próprios contextos históricos e sociais disponibilizam.  Conforme aponta Orlandi (1995), se fosse possível dizer tudo, não seria possível dizer nada. Em outras palavras, o repertório do enunciador é limitado pelo seu local de fala, mas a interpretação vai além da estrutura, pois extrapola as intenções do enunciador e da mesma forma a decodificação de signos do enunciatário.  Na enunciação, o sujeito é anônimo e sujeitado pelo sistema linguístico do discurso dominante. Embora ele tenha a falsa sensação de liberdade, o sujeito apenas reproduz os discursos que são preestabelecidos pelas instituições dominantes. Dessa forma, ele deixa sua posição de produtor e passa a ser produto de um sistema linguístico predeterminado.  É bem certo que essas duas últimas concepções não dão conta da dimensão internacional da linguagem, pois uma está focada no texto e a outra no enunciador. Para tanto, é essencial falar da terceira concepção da língua, aquela que está presente na interação comunicacional, essa permite uma visão muito mais abrangente, pois retira o foco do enunciador e enunciado, e põe o foco na interação comunicacional.  Esse fenômeno de interação possibilita compreender que os sentidos são construídos através do diálogo entre enunciador, enunciado e enunciatário. Nessa concepção, o sujeito é ativo e passivo, pois a linguagem se torna uma potência de construção de sentidos, contudo, o sujeito constrói e, ao mesmo tempo, é construído, pois sua fala e compreensão estão submetidas aos processos institucionais de enunciação discursiva.  O sujeito é assujeitado de maneira coexistente.  Koch e Elias (Input: p. 19) admoestam que a materialidade linguística é o “elemento sobre o qual e a partir do qual se constitui a interação (...), na atividade de leitura, ativamos: lugar social, vivências, relação com outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais” (cf. Paulino et al., 2001).  Após se enfocar a materialidade do ponto de vista textual se investigará na filosofia, a fim de encontrar respaldo para as ideias presentes neste texto. Logo, Foucault reafirma que a materialidade do discurso é, na realidade, “coisa pronunciada ou escrita” (Foucault, 1970, p. 7).  Por esse motivo, os sentidos da palavra materializada transitam pelos caminhos da história, ou seja, são nômades, andarilhos do tempo, da cultura e do espaço geográfico, sendo controlados pelas relações de poder.  Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel de exorcizar lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (FOUCAULT, 1970, p. 8).  A partir de tal afirmação se pode compreender que o discurso segue uma determinada estrutura de normas que prescrevem de onde, por quem e como deve ser pronunciado. Um exemplo atual desse fenômeno ocorre aqui no Brasil, quando um religioso decide opinar sobre saúde ou educação, logo alguém diz: que autoridade esse indivíduo tem para falar sobre tal assunto?  Em uma entrevista sobre o livro “A ideologia da Competência” (2014), Marilena Chauí adverte que “não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro, qualquer coisa em qualquer lugar, em qualquer tempo”.  Dessa forma, observa-se que a linguagem, principalmente, no contexto atual de momento em que se vivencia a acessibilidade de informação, essa permite esse tipo de interferência. De qualquer indivíduo se apropriar de conhecimentos que não possui para tentar deslegitimar a ciência por meio de achismos ou ideias conservadoras.  Nesse sentido, Foucault também admoesta sobre o que ele denomina de ritual da circunstância, pois “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar sobre tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar sobre qualquer coisa” (1971, p. 9).  A língua se revela sob uma perspectiva paradoxal, entre o individual e o coletivo, que projeta a formação da linguagem através da manifestação de um conjunto de elementos típicos de um determinado grupo social.  Na década de 1960, Saussure apresentou uma concepção estruturalista da língua que produzia sentido através da relação entre significado e significante. O significante era a representação material, e o significado era o conceito ou imagem abstrata da matéria. Entretanto, os estudos de Saussure já apresentavam indícios que, posteriormente, serviriam a Análise do Discurso, sobre outros aspectos da língua além dos estruturais.  De acordo com as dicotomias de Saussure, a língua se divide em duas modalidades: o langue *como* um sistema social abstrato e mental e  *parole*  como a concretização elementar realizada pelos falantes, ou seja, a langue é um conjunto de elementos linguísticos mentais que norteiam a comunicação de um determinado grupo social para que possibilita a interação comunicacional entre eles.  Adiante, a Análise de Discurso Francesa (ADF) percebeu que a língua é um modo singular e autônomo de expressão que se estabelece através das estruturas sociais e culturais. Os sentidos não são produzidos apenas pela estrutura, entretanto, são delimitados por essa, conforme aponta Orlandi (1996, p. 20): “a linguagem é um sistema de relações de sentido no qual, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que a materialidade impede que o sentido seja qualquer um”.   Sendo assim, para examinar os sentidos de uma língua é preciso examinar a forma particular como uma civilização a contém. Os signos de uma língua estão, essencialmente, ligados com a sua história e cultura, pois os traços linguísticos revelam a forma como uma determinada sociedade se organiza.  A língua é um código de comunicação, convencionalmente usado por uma sociedade.  A fala é o modo singular que cada indivíduo, dentro de uma sociedade, utiliza a língua para se comunicar e se expressar verbalmente.  Nesse sentido, existe um mosaico de elementos que se completam na comunicação de cada sujeito, tais como: identidade de gênero, profissão, religião, nível de escolaridade, espaço geográfico, classe social, etc.   * 1. **Nas entrelinhas**   Com os avanços dos estudos da linguagem, a compressão de texto e sentido foi mudando ao longo do tempo.  Na concepção estruturalista, texto é um conjunto de palavras organizadas para formar um sentido. Saussure (1973) foi um dos pioneiros nos estudos das dicotomias da linguagem: as relações entre língua e fala, paradigma e sintagma, diacronia e sincronia e significado e significante. Essas novas concepções ampliaram os horizontes dos estudos linguísticos e fizeram com que a noção de texto se modificasse. Embora Saussure seja considerado estruturalista, seus estudos demostraram que os sentidos transbordam o enunciado. Desde então, surgiram várias vertentes de pesquisas que estudam os sentidos além da estrutura.  Anteriormente, menciona-se que é necessário olhar para o corpo como se fosse um texto. Nas concepções atuais, sabe-se que o texto é uma proposição que contém mais de um significado, ou seja, existem relações significativas que não estão explícitas no enunciado. Aquilo que não é dito. Por exemplo, quando uma pessoa se depara com um indivíduo com ombros caídos e o tronco inclinado para frente.  Em uma leitura superficial, essa postura poderia dizer que é uma pessoa que está triste ou cansada. No entanto, ao ser observado mais atentamente, com olhares diferentes, existem infinitas possibilidades de significações para esse cenário. Um médico endocrinologista poderia dizer: “essa postura corporal é um sintoma de que os hormônios da tireoide estão desregulados, causando fraqueza e apatia”. Um profissional da educação física ou até mesmo um fisioterapeuta diria que essa postura é resultado de hábitos ruins e, com o passar do tempo, pode ser prejudicial à saúde.  Dessa forma, como se pode observar, existem inúmeras leituras que podem ser feitas através desse cenário. São essas leituras que dão sentido ao texto. Entretanto, não faria sentido algum se tal indivíduo estivesse carregando uma placa apontando qual seria a causa da sua postura inadequada. Esse exemplo é válido, pois demonstra que os sentidos do texto não são a causa e sim a consequência das relações extratextuais que compõem a cena da enunciação.  Existem diversas maneiras de interpretar as sentenças enunciativas e, também, de atribuir efeitos de sentidos aos enunciados que são proferidos.  A própria sentença fornece os subsídios para interpretação. Conforme aponta Cançado (2012, p.31), sobre as duas propriedades da abordagem referencial da linguagem chamadas de acarretamento e pressuposição. Segundo a definição do autor:  O acarretamento é uma noção estritamente semântica que se relaciona somente com o que está contido na sentença, independentemente do uso desta. A noção de pressuposição relaciona-se com o sentido de expressões lexicais contidas na sentença, mas também se refere a um conhecimento prévio, extralinguístico, que o falante e o ouvinte têm em comum. Pode-se dizer que a pressuposição é uma noção semântico-pragmática. A implicatura, conhecida como implicatura conversacional, é uma noção estritamente pragmática, que depende exclusivamente do conhecimento extralinguístico que o falante e o ouvinte têm sobre um determinado contexto (CANÇADO, 2012, p.31).  O corpo é semelhante a um mosaico de linguagens. Quando observado por apenas uma peça separada do resto, parece não haver conexão com o todo, mas assim como na física, a linguagem dos corpos se constitui por pequenos átomos que formam a grande matéria. O inconsciente pode ser representado pelas energias opostas dos prótons e elétrons. E os nêutrons são a própria linguagem, a mediadora entre o real e o simbólico. Embora os nêutrons não possuam carga, eles têm a função de diminuir a repulsão entre as energias opostas. Da mesma forma é constituído o sujeito, dividido e heterogêneo.  Nesse sentido, a matéria do discurso pode ser constituída por valores ambivalentes, energias opostas que se complementam. Sendo assim, a contradição é necessária para que os sentidos possam se completar, através mesmo da própria descontinuidade da incompletude. O tempo representa os ecos da mutação da matéria, é um eterno devir de transmutação, isso significa que a matéria nunca estará acabada, será eternamente uma potência de sentidos por vir a surgir.  De acordo com Pêcheux (1997, p. 77), o discurso “é sempre pronunciado a partir de condições dadas”. É movimento e colisão de sentidos que emergem de outros discursos que já existem e apontam para novas formações discursivas. Esse movimento não é intencional, é fruto de memórias que se colidem para formar novos discursos.  Segundo Pêcheux (1999, p. 52):  A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.  Assim sendo, a ideologia é a matéria do discurso formada pela língua, ou seja, são os sentidos que se formam fora do texto. No espaço que se encontra entre o que está explícito e no que está implícito. Entretanto, não se deve procurar sentido naquilo que está implícito, pois a análise discursiva é feita a partir dos elementos que foram ditos explicitamente, conforme esclarece Orlandi (1992, p. 12): “há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”.   * 1. **A configuração enunciativa**   A configuração enunciativa compreende um jogo de forças e magnitudes que transcendem a cena enunciativa. Isso quer dizer que existe uma série de elementos que compõem a cena da enunciação. Michel Foucault define tais elementos como (apud Brandão, 2004. p. 96): o enunciado composto por outros enunciados preexistentes a enunciação (*campo de presença)*. Os enunciados de outros domínios do saber em uma relação analógica (*campo de presença).* Os enunciados obsoletos, que embora caíssem em desuso, demonstram a evolução ou transformação descontinua do enunciado através da história (*domínio de memória*). Tais elementos mencionados acima dizem respeito aos aspectos temporais e históricos da composição da cena enunciativa.  Existem também os elementos dêiticos, que inserem os enunciados em um contexto particular de consciência de eu e tu, tempo e espaço. Dessa forma, o enunciador é outorgado pela sua posição institucional em relação ao saber. De acordo com a definição de Brandão (2004), o enunciador é figura da enunciação que representa a pessoa cujo ponto de vista é apresentado.  Dominique Maingueneau utiliza o termo co-enunciador para aquele a quem se dirige o enunciador. Esse termo exprime a ideia de que aquele que recebe o enunciado é também sujeito ativo no processo discursivo. Trata-se de uma relação dialógica de construção de sentidos, na qual são ativados os conhecimentos de ambos os sujeitos presentes na cena.  Segundo Brandão (2004, p.105), *todo discurso é fundamentalmente dialógico.* Portanto, a cena enunciativa é composta por um *eu e tu,* localizado dentro de um lugar social e histórico. Sendo assim:  A situação de enunciação não é uma situação de comunicação socialmente descritível, mas o sistema no qual se definem as três posições fundamentais do enunciador, do co-enunciador e da não pessoa. Como se sabe, está na base da identificação dos dêiticos espaciais e temporais, cuja referência é constituída em relação ao ato de enunciação (Maingueneau, 2006, p. 250).  Dessa forma, a cena enunciativa permite diversos modos de trabalhar com o real não apenas pelas palavras, mas também pelo corpo, que é entendido como uma afirmação de memória física.   1. **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER DOS TEMPOS HODIERNOS E OS EFEITOS DE SENTIDOS DO CORPO FEMININO**   A Análise do Discurso, segundo expressam Pêcheux e Fuchs (1990), permite buscar uma descrição de diversos olhares sobre o corpo, entre esses um que permite elucidar a história e a memória, quando se observa o corpo funcionando pela e na linguagem.  Assim, a discussão sobre o corpo como materialidade discursiva e objeto simbólico permite configurar uma inscrição que proporciona ordem ao sujeito e atravessamentos ao que se constitui sujeito.  Segundo expressa Pinto (2011), os sentidos se desdobram e deslizam através do corpo, propiciando com isso problematizar que o corpo e a imagem trazem a cena de um estatuto discursivo, de forma que os efeitos e condições de produção contemporâneas nos discursos permitem ver e entender o corpo como manifestações sociais.  Assim, como as linguagens, o corpo é atravessado pela história. Em cada parte da história o corpo é construído nos moldes da civilização a qual pertence, desempenhando diferentes papéis, conforme a sua relação natural com o trabalho, a sociedade e a cultura.  As mudanças dos padrões de beleza ao longo do tempo são moldadas a partir dos discursos vigentes de determinada sociedade. Nesse sentido, neste capítulo, pretende-se investigar a relação do corpo feminino com a história, investigando como esse corpo é representado através do tempo, sobre o prisma da teoria do discurso.  Pinto (2011, expressa que o corpo pode ser pensado em diferentes dimensões, como a junção de alma e carne, pela perspectiva da religião, bem como o corpo biológico como um organismo vivo, mas há ainda a dimensão da linguagem que diferencia os seres humanos, constituindo-os como corpo de linguagem, lugar simbólico e espaço de movimento da história e espaço que envolve as ideologias.  Nesse sentido, a modificação da percepção dos corpos ao longo da história exemplifica a possibilidade de uma materialidade de análise que se verifica por meio do corpo.  Segundo se verifica dos estudos desenvolvidos por Milanez (2006), o corpo envolve as relações dos sujeitos, o discurso desses proporcionando com que a história do cotidiano seja realizada pelas posições que os corpos ocupam, dos desejos que suscitam e, também, por meio dos contornos do ser humano que o imaginário constrói. Nessa perspectiva, o corpo constrói uma história a partir de condições de produção, que permitem a elaboração de uma análise discursiva.  Seguindo essa linha de raciocínio, a Análise do Discurso permite compreender o corpo como um objeto simbólico que produz sentidos, conforme expressa Pinto (2011). Assim, o corpo é visto como espaço de funcionamento da linguagem, sendo espaço de constituição de sujeitos que são interpelados pela linguagem, pela história e pela ideologia, aspectos intrinsecamente relacionados.  Mussalim (2004) explicita que o sentido é objeto de estudo da Semântica, de forma que a semântica do discurso permite representações constitutivas das condições sócio históricas da produção do discurso, aspectos que são percebidos como constitutivos de significações.  Nesse sentido, o corpo se torna um campo de sentido, de representações imbrincadas das condições ideológicas e históricas, e entendendo que a Análise do Discurso tem seu foco na materialização da ideologia, o discurso permite abordar questões relacionadas com a ideologia e com o sujeito. Dessa forma, pode-se expor aqui a abordagem de uma construção da identidade da mulher nos tempos hodiernos como base para posteriormente abordar os efeitos de sentidos do corpo feminino.       * 1. **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER DOS TEMPOS HODIERNOS**   Para iniciar esta abordagem da construção da identidade da mulher, se recupera, inicialmente, o conceito já exposto por Orlandi (2009), de que o discurso tem regularidade e funcionamento que proporciona apreender o social e o histórico, o sistema e realização, bem como a língua em relação com a história, sendo atravessada pela ideologia e utilizada por sujeitos que apresentam posições discursivas.  E, assim, o corpo propicia sentidos como espaço de contradições e complexidade do ser humano, permitindo novas leituras, que são movimentadas pelo discurso, pela memória. Conforme exposto por Orlandi (2009), os corpos na história da humanidade funcionam pela e assim significam e constroem sentidos.  Dessa forma, a construção de uma identidade feminina, por meio do corpo, se apresenta relevante para este estudo, tendo em vista que Hashiguti (2008) expõe que existem diversas identificações sociais no discurso e nos diferentes discursos também serão diversas as formas de abordar os corpos.  Nessa mesma linha de entendimento, expressa a autora que o corpo pode ser ao mesmo tempo simbólico e histórico, sendo esse constituído por e na linguagem. Assim, a perspectiva do corpo surge associada com o discurso e na linguagem ultrapassa a materialidade, permitindo ser abordado perante diversas dimensões.  Diante dessa perspectiva, o corpo se vincula com sua posição discursiva e as condições de produção que proporcionam olhares discursivos direcionados aos corpos, materializando discursos que refletem a história social e cultural, bem como refletem as percepções ideológicas que perpassam esses corpos, especialmente, ao se tratar do corpo feminino, cuja identidade tem passado por várias transformações ao longo dos séculos.  Com base nesse entendimento, encontra-se na exposição de Courtine (2008), que ao longo do século XX os corpos vivenciaram modificações, passando de lugar desconhecido ou que devesse ser ocultado, situação que se verifica anteriormente, em decorrência de aspectos relacionados com a moral, a religião e passa a assumir maior visibilidade, sendo conhecido e assumindo espaço de desejos e de angústias.  Assim, com a mudança do século XX para o século XXI, comenta Pinto (2012), os limites e as noções acerca dos indivíduos se alteraram profundamente diante da ausência de um paradigma que possa ser visto como preponderante, permitindo que surgissem sentidos diversos que são mantidos pelo discurso, uma vez que esse tem como fundamento construir a identidade do indivíduo contemporâneo e, neste estudo, de expor a identidade constituída do feminino na sociedade hodierna.  Explicam Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017), que as diversas ordens de discurso passam a serem vistas como responsáveis pelas alterações dos sujeitos, que acabam constituindo a identidade feminina, visto que essas se submetem a momentos históricos específicos, cujas experiências, emoções e vivências culturais proporcionam uma construção social da subjetividade da mulher.  Os autores complementam que cada época tem uma forma de pensar e de agir, e a história da humanidade propicia, de forma aprofundada, uma construção de identidade, explicitando que na Idade Média ocorria a valorização excessiva da espiritualidade, seguindo para o Renascimento como período no qual se faz a descoberta e valorização dos homens, expondo ainda que o Iluminismo expressa a exacerbada atenção para a atividade intelectual.  Ao lado desses momentos também se pode expor a questão da constituição do ser, da identidade que implica um determinismo social na perspectiva histórica e antropológica, gerando uma construção identitária repleta de valores e peculiaridades, bem como valores do momento em que se insere.  Diante dessas alterações que ocorreram na concepção de sujeito, são diversas as discussões que se verificam acerca do papel de uma construção de identidade contemporânea aplicada para a mulher.  Giddens (2002) expõe que o momento, classificado como pós-modernidade ou o tempo hodierno, tem gerado um indivíduo disperso e fragmentado, reduzindo a subjetividade, especialmente, diante de um desenvolvimento tecnológico que tem impulsionado a sociedade a um processo de interação discursiva com essas tecnologias, impulsionando o afastamento do contato humano.  Assim, Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017) explicam que a identidade social e cultural acaba sendo construída por uma série de eventos discursivos que ocorrem, e em relação ao papel feminino se deve ressaltar que existe uma negociação de identidade e de diferença dessa com o sujeito masculino.  Segundo entendimento de Fairclough (1997), a construção do sujeito resulta de processo ideológico que envolve a noção de dominação de certos sujeitos sobre outros na sociedade. Nesse sentido, a identidade social da mulher não pode ser entendida como unitária, mas resultante de diferenças, sendo também concebida como produto de negociação externa da própria diferença com os demais sujeitos, tendo tal negociação o propósito de constituição do ser feminino.  Tomando como base o entendimento de que os textos são lugares de luta social, neste caso o corpo surge na constituição de identidade como uma heterogeneidade textual, uma vez que Fairclough (1997, p. 298) expõe que: “O mundo, os sujeitos sociais, as relações sujeito-sujeito e as relações mundo-sujeito são todos construídos nos textos em modos contraditórios (...). Textos são lugares para a luta social”.  O mesmo autor permite ainda entender que, na perspectiva da identidade e, especialmente neste estudo, em um processo de demonstrar a construção da identidade feminina contemporânea, as transformações da vida social, em um contexto atual, deslocam as identidades sociais e demonstram a necessidade de os indivíduos negociarem relacionamentos com outros indivíduos em vários níveis (FAIRCLOUGH, 1997).  Pode-se expor que Talbot (1998), em seus estudos, expressa a mesma linha de raciocínio ao dizer que a construção da identidade em diferença de gênero é algo construído ativamente, em processo que propicia uma mudança permanente em incompletude.  Silva (2012, p. 76 e p.81) expressa que “identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística”, sendo também criações sociais e culturais. Nessa mesma linha de raciocínio, o autor expõe que a identidade e a diferença são resultadas de um processo de produção simbólica e discursiva.  Nesse sentido, estudar a construção da identidade feminina implica entender que essa tem imbricações, conexões e contradições, que na identidade social implica uma visão complexa que envolve a sociedade, a cultura, a economia e a política, tendo em vista que esses elementos da sociedade se encontram articulados em uma estrutura relacional que está suscetível de subversão ou de mudanças.  Essa percepção de identidade como resultado de processos pode ser vista nos estudos de Gibson e Graham (2006), que explicitam que as pessoas se envolvem em eventos, cujo passado individual se faz presente em diversos níveis de socialização, que propicia com a subjetividade nunca pare de ser modificada.  Assim, as pessoas são sujeitos ativos que se constituem em uma identidade, da qual participam no processo de construção, e existem os que se tornam assujeitados sendo repetidores de discursos já existentes, e incapazes de produzir um discurso crítico, explicitando esses autores que apenas os sujeitos considerados ativos são percebidos como construtores de discurso. De forma oposta, o sujeito assujeitado se torna produto do discurso, com papel de reprodução discursiva, e o sujeito se rende às formas de pensar comuns ao grupo social no qual se insere.  Perante essa perspectiva, a construção da identidade feminina emerge das diversas dimensões históricas, sociais e culturais, que apresentam marcas que se refletem no discurso, sendo essas, resultados de quem a pessoa é, individualmente, e das relações que estabelece com seu contexto e que se confundem com sua história.  Essa noção histórica se associa com o contexto e a cultural social, que permite com que os sujeitos expressem valores e crenças, em um determinado contexto histórico, que acaba sendo representado pelos sujeitos em seus costumes, comportamentos e formas de pensar e se comunicar.  Com base na exposição de Caldas (2001), o sujeito estabelece uma relação com a sociedade em que se insere, não sendo essa aleatória, mas decorrente da própria condição que assume no quadro social, permitindo entender que a construção da identidade, seja da mulher ou do homem, se vincula com as peculiaridades da sociedade e as exigências sociais dessa posição.  Nessa perspectiva, os papéis que os indivíduos assumiam na sociedade acabavam por representar os contextos culturais daquele período, expressando Fischer (2001), que, mesmo nas diferentes camadas sociais, as representações para o papel feminino e masculino se mantinham.  Assim, a construção de uma identidade feminina hodierna surge em um amplo movimento que implica quebra de paradigmas sociais e culturais, propiciado por um contexto de mudanças que, ao longo do século XX, incentivou as mulheres a lutarem em busca de estabelecer uma igualdade de direitos e de status entre homens e mulheres.  Com base nesse entendimento, Kellner (2001) explica que a visão da identidade feminina decorre de um enfoque múltiplo em que podem ser questionados os conceitos ideológicos sociais e econômicos que geravam também um conceito de corpo que era orientado por interesses do regime social, prevalecendo os meios de produção em propriedade privada, que implica a visão de que o corpo era um meio para atingir um fim.  Nessa perspectiva, a mulher vivenciou uma série de circunstâncias que se direcionaram para conquistas de libertação, sendo o significado do corpo e da subjetividade femininas aspectos que acompanharam as transformações sociais e culturais pelas quais a sociedade passou.  De acordo com registros de Andrade e Bosi (2003), a mulher conquistou um espaço no mercado de trabalho, conseguiu emancipar-se do homem por meio de diversas conquistas que implicaram a valorização da estética do corpo e independência financeira, gerando assim uma nova identidade feminina.  No entanto, conforme registra Jordão (2018), a partir do século XX ocorre um fenômeno que se denomina de banalização do corpo, com foco em estabelecer um novo padrão de corpo feminino que se apresenta exposto pelas mídias, embora o corpo feminino tenha sofrido limites impostos pela cultural social.  Fischer (2001) explana que mesmo perante as mudanças que a representação feminina vivenciou e, com essa, as modificações propostas ao corpo da mulher, a sociedade brasileira ainda mantém traços vinculados com uma cultura conservadora, em que igreja e família ainda estabelecem e buscam impor as noções de certo e de errado para a mulher, em valores de moralidade e de padrões de conduta.  Nesse sentido, a representação da identidade feminina hodierna convive com liberdades e com restrições em um contexto que decorre do modelo de corpo construído em um período histórico e cultural, criando modos de existir.  Explica Jordão (2018) que mesmo a mulher, na atualidade, tendo maior liberdade para definir seu futuro e agir como quiser em relação ao seu corpo, ainda existe uma parcela de mulheres que se mantém sob imposições de modelos patriarcais.  Por outro lado, se verifica que existe uma construção do feminino, na sociedade hodierna, que decorre de influências advindas de um contexto de certo período social e histórico, em que os modos de linguagem, os hábitos e costumes, da mesma forma que modelos de comportamento e valores, incluindo nesse aspecto os modelos de apreciação estética, em relação ao corpo feminino, especificamente, acerca do que se entende como belo e feio, surgem de padrões sociais que são oriundos de uma concepção construída pelos meios de comunicação.  Kellner (2001) expressa que a imagem veiculada pelos meios de comunicação tem sido indicadora de bens culturais, gerando segundo a autora uma imagem utópica que oferece transformação da identidade com mudanças de comportamento, afetando o modo como o sujeito, especialmente o feminino hodierno, se percebe e se relaciona com o mundo em que se insere e consigo próprio.  Ao lado dessa constatação, a identidade da mulher hodierna tem sido perpassada por uma nova forma de existir, com melhora da autoestima, tendo em vista Fischer (2001) expor que a mídia capta o interesse da mulher, usando essa informação para disseminar e propiciar, por meio de programas, anúncios e modelos que geram nas mulheres a possibilidade de construção de verdades ou de imagens que as fazem se assemelhar com o que querem vivenciar, levando a uma busca por suprir necessidades e desejos que, posteriormente, acabam reaparecendo, uma vez que não foram de fato satisfeitos, visto que se associaram com ilusão.  Dentro dessa perspectiva, a identidade da mulher hodierna convive com uma representação do corpo e do discurso a ponto de que podem ser suas características confundidas com as que se apropria da sociedade, especialmente, porque a mídia é manifestação cultural criada com intuito de influenciar, de forma intencional, o comportamento da sociedade e, neste caso, o da mulher e sua representação de imagem feminina.  Encontra-se, ainda, um fator que tem afetado ainda mais a percepção do corpo feminino, e que decorre da integração econômica perante o processo de globalização, em que se expõe um contexto de difusão de identidades globalizadas e flexíveis, que se alteram rapidamente.  Dessa forma, encontra-se na exposição de Jordão (2018) que a mulher hodierna vivencia, tanto de forma subjetiva quanto social, o desafio de ser objeto de produção discursiva consistente em estabelecer uma natureza, sem que essa fosse a verdadeira natureza que se espera dessa representação da mulher.  Assim, importante entender os efeitos que são verificados no corpo feminino perante essa construção de uma identidade da mulher hodierna, que nem sempre tem tido consciência de que tem sido dominada ou que esteja seguindo modelos impostos pela sociedade, por meio da mídia ou de outros modelos sociais e culturais que a afetam.   * 1. **OS EFEITOS DE SENTIDOS DO CORPO FEMININO**     Como se tem exposto, a construção de uma identidade da mulher no mundo hodierno perpassa um efeito de sentido que se verifica na alteração de concepção da atuação da mulher na sociedade em que se insere e, com isso, a construção de uma subjetividade que emerge das relações sociais, conforme se verifica nos estudos de Jackson (1999).  Andrade e Bosi (2003) expressam que a sociedade do século XXI tem convivido com um processo de globalização, em que a ação por meio do predomínio de uso de mídias tem sido uma atuação constante, em que a comunicação tem ficado praticamente instantânea, sendo tal circunstância vista como uma propriedade das novas relações sociais.  Ao lado dessa condição, a construção do corpo feminino se vincula, cada vez mais, com um modelo que se apresenta pela cultura, e tem gerado uma busca das mulheres em se adequarem ao padrão estabelecido como alvo de consumo de roupas, de produtos de beleza, bem como de acessórios e outras situações como frequentar academias de ginástica ou realizar cirurgias estéticas com foco em estar nos padrões corporais femininos propostos.  Butler (2003) expõe que a teoria feminista presume que existe uma identidade que se compreende pela categoria mulheres, por meio da qual existe um discurso de representação, sendo essa a função normativa de uma linguagem, que revelaria o que pode ser visto e compreendido como mulher. Nessa perspectiva, a autora pressupõe que existe uma linguagem capaz de representar as mulheres.  Entretanto os efeitos dessa representação, conforme expressa Butler (2003), ocorrem condicionados ou regulados por estruturas que são reproduzidas conforme as exigências delas.  Kellner (2001) apresenta, dentro dessa mesma perspectiva, que a valorização excessiva da beleza da mulher tem como efeito atuar sobre o corpo feminino, afetando a forma de a mulher tratar consigo mesma diante das exigências da sociedade, em um contexto de inadequação perante esse considerado culto da beleza que propicia, geralmente, uma sensação de insatisfação com o corpo ao não corresponder ao modelo proposto pela sociedade.  Conforme explicita Milanez (2006, p. 188), o corpo tem sido um meio para o ser humano problematizar como se percebe inserido no mundo, sendo regras de conduta que o autor expressa como “artes de existência”, por meio das quais tenta transformar a si mesmo ou aos outros, conforme determinados valores estéticos relacionados com critérios de estilo ou forma.  Nessa perspectiva, são expostas algumas imagens para ilustrar as condições e efeitos de certos padrões de beleza que podem gerar o adoecimento, como ocorre com a padronização de ser magra, como enfoque de “ser bela”, propiciando distorções nessa condição que afetam tanto o corpo como a mente feminina.  A imagem a seguir, retirada de um filme, expressa a condição de desvirtuamento da representação de corpo que a mulher pode ter e que pode, inclusive, gerar doenças como bulimia e anorexia.  Imagem – Representação da imagem distorcida da forma de beleza  Fonte: <https://falauniversidades.com.br/filme-minimo-para-viver/> acesso em:14/06/2021  Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017) expressam que a mídia demonstra seu poder sobre o cotidiano humano ao utilizar as imagens como uma discursivização sobre o corpo, sendo essa posição discursiva ideologicamente construída. Esses autores assim explicitam ao tratar de imagens do corpo dentro do contexto do carnaval, mas permitem entender que o corpo feminino acaba sendo constituído como lugar de materialização de um discurso social.  Ao lado dessa condição de imagem do corpo, outro efeito de sentido que se verifica presente na sociedade moderna tem sido a busca por tornar o corpo belo e saudável, por meio de uma ilusão propiciada pelas academias, clínicas de estética, e outros serviços vinculados com a beleza, que oferecem essa beleza como forma de felicidade.  Ao lado dessa percepção se verifica na obra de Severiano (1999) que a sexualidade, como um dos efeitos de sentido do corpo feminino, relacionado com o fato de ser mulher, ser feminina, tem sido transformada em objeto, podendo ser exposta como produto de bem cultural, encantando ou mesmo enganando a experiência de existir, que pode gerar como efeito a despersonalização da mulher, com a perda de consciência de originalidade de características peculiares, voltando-se para a busca de padrões fixados pelas relações sociais.  E oposição a sociedade convive com efeitos diversos, aspecto que permite a utilização de meios para criar diferenciação dos padrões existentes como se verifica na seguinte imagem.  Imagem de moça totalmente tatuada    Fonte: <https://www.thatslife.com.au/modified-mum-tattoos-her-eyeballs-pink> acesso em: 14/06/2022  Nesse sentido, também se expõe outra imagem de corpo feminino, na qual se verifica um padrão diferenciado de beleza que perpassa pela perspectiva da subjetividade, tendo em vista que essa é um processo construído de forma social e histórica, mas segue uma visão de individualidade que faz com que muitos procurem se destacar, se diferenciar de qualquer outra pessoa ou padrão por meio do uso de tatuagens, como pode ser visualizado na imagem anterior.  A subjetividade, conforme expõe Pinto (2012), faz com que a beleza seja fator intrínseco da sua forma de ser no mundo, e essa percepção tem proporcionado a busca de modificações nos corpos como maneira de distanciamento ou mesmo diferenciação.  Fridman (1999) apresenta que a contemporaneidade tem propiciado ao imaginário um novo efeito de sentido relacionado com o corpo e a representação deste, de maneira que o ser e o sentimento acabam sendo incorporados a um universo de mercadorias que se fundem com noções estéticas e visuais da cultura na qual a representação do corpo feminino se insere.  Outro efeito de sentido que pode ser expresso surge da noção de que o corpo pode ser modificado, em busca de representar um objeto para ser aceito como belo, sendo exemplo a imagem que segue.  Imagem – mulher parecendo uma boneca    Fonte: <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-5572483/Barbie-fan-spent-60-000-cosmetic-surgery-says-boyfriend-supportive-her.html> Acesso em:14/06/2022  A imagem acima demonstra claramente que o efeito de sentido do corpo se molda em busca de atender a uma noção de beleza associada com o mercado, ou seja, a submissão aos produtos que geram despersonalização da imagem, do corpo da mulher e a perda de sua consciência de originalidade para vivenciar um modo de se comportar e de ser vista.  Também se pode expor que essa condição se associa com um vazio existencial, forte característica da atualidade, que faz com que um estilo de vida e modo de se comportar gere um efeito de ilusão propiciado pelo brinquedo, visto como padrão de beleza.  Encontra-se na explicação de Bauman (2001) que o indivíduo contemporâneo, neste caso, a mulher e o efeito de sentido que ela vivencia, acabam por se envolver na percepção de liberdade individual de escolha como forma de se diferenciar, construindo identidades bem-sucedidas, que o autor explicita como a transformação de uma identidade humana em uma coisa dada como tarefa, que surge como um projeto de estilo pessoal em singularidade.  Bauman (2001) expõe que essa singularidade implica em consumir os prazeres que o mercado oferece, tendo o corpo como instrumento de experiências e de gozo. Nessa concepção existe uma contradição que afeta a imagem do feminino especialmente, porque o corpo deve ser fonte e objeto de prazer em uma perspectiva, e de outra esse mesmo corpo deve ser protegido e resguardado, mas que acaba por levar a diversas situações que o indivíduo, no caso, as mulheres contemporâneas vivenciam diante da insatisfação generalizada com a aparência e forma corporal, propiciando com isso, no dizer desse mesmo autor, diferentes e variadas consequências tanto para a imagem como para a saúde corporal.  Dessa forma, a constante perplexidade vinculada com a identidade feminina e a representação social que esta tem, segundo explicita Bauman (2001), fazem com que se tenha uma ressignificação do sentimento de ser relevante, ser importante ou mesmo ser feliz, uma vez que existe uma dificuldade de saber qual identidade escolher perante o local em que se insere e o papel que representa na sociedade.  Castro (2003) expõe que a corporeidade tem recebido uma valorização, de forma que as pessoas dessa sociedade contemporânea, especialmente quando se trata da mulher, se preocupam com as aparências de seus corpos em busca de um ideal hegemônico de beleza jovem.  O autor também expressa que tal busca se evidencia na procura de aproximar o corpo com um padrão de beleza estabelecido pela sociedade, delineando essa circunstância como uma formação reflexiva das identidades hodiernas, em um efeito de sentido que se aplica como um conhecimento que se faz em construção de indivíduos que não expressam a própria identidade, mas a constroem como base em valores expressos que assumem como modelo.  Essa perspectiva, segundo expressa Fairclough (2001), pode ser visualizada na imagem a seguir, como valorização de criações cujo foco se volta a uma perspectiva de interação de um processo de construção de identidades que são múltiplas e fragmentadas.  Imagem de mulher em perspectiva da estética do belo    Fonte: <https://br.pinterest.com/janice_inks/bmr/> Acesso em:14/06/2022  Dessa perspectiva, o corpo se amolda a uma vida que reflete a escolha de estilo de vida, em que os movimentos, conforme expressa Giddens (1991), acabam por gerar os denominados engajamentos radicais, que tornam os seres reflexivos, tendo em vista que as pessoas não têm estado satisfeitas com o que vivenciam.  Dessa forma, Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017) expõem que o controle do corpo propicia a construção de proteções para as interações sociais, de maneira que o corpo é uma forma de linguagem e comunicação, sendo culturalmente codificada para atuar em um efeito de sentido, que imprime certo poder social ou de prestígio, bem como propicia a consciência externalizada de belo.  Castro (2003) também apresenta a noção de que o efeito de sentido do corpo na sociedade contemporânea parte da compreensão de que esse não é uma entidade física dada, mas construída por meio de interação e discurso, propiciando com isso que tenha um efeito de sentido exposto para toda sociedade.  Assim, os construtos discursivos se vinculam com questões relacionadas ao corpo e desse em tamanho e formato, ou peso, que se tornam relevantes na sociedade hodierna como situações ou circunstâncias, que caracterizam as interações discursivas, sendo ainda tais efeitos aplicados como forma de responsabilizar os atores sociais por suas ações, de acordo com exposição de Hashiguti (2007).  Nessa abordagem, outro aspecto relevante que se associa com a construção de uma identidade feminina e os efeitos que essa apresenta na sociedade hodierna está na denominada solidariedade de identidade, que Butler (2003) apresenta em sua obra, uma vez que se tem uma divisão de compreensão da distinção entre sexo e gênero, sendo tal aspecto propiciador de significados culturais que são assumidos pela sociedade para entender as representações discursivas, expondo Butler (2003, p. 24) que:  Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos.  Assim, a figura acima também permite entender ou visualizar uma imagem de homem, permitindo expressar que, na contemporaneidade, as distinções também têm sido questionadas pela sociedade, e essa construção discursiva, conforme registra Butler (2003, p. 24-25) assim expressa:  Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher feminino,* tanto um corpo masculino como um feminino.  Essa abordagem, seguindo o raciocínio de Butler (2003), implica a visão de identidade social da mulher como categoria que não pode ser tomada unicamente como gênero em interpretação cultural, visto que esse designa uma concepção mediante a declaração de como os sexos são estabelecidos, e o gênero é um meio discursivo e cultural na sociedade.  Dando sequência à mesma linha de abordagem, os efeitos de sentido que demonstram a identidade da mulher permitem expor que a sociedade hodierna constituiu um tipo idealizado de mulher, sem observar as diversidades presentes nesta sociedade.  E, dentro deste enfoque, outro efeito de sentido que se verifica na contemporaneidade é um modelo de mulher, que tem sido imposto em concepções de estética corporal relacionada com valores consumistas, em uma padronização. Nessa perspectiva existe também um aspecto de oposição quando se apresentam como efeitos de sentido as diversidades, sendo essas valorizadas como oposição a uma ideologia que serve como dominação ou para legitimar forças que oprimem ou reprimem, segundo expressa Kellner (2001).  Assim, a sociedade expressa interesses específicos que, de acordo com Kellner (2001), são aplicados como se fossem efeitos universais, dentro de um sistema de valores dominantes de crenças e de comportamentos, gerando uma visão de consumo que reproduz ideais emancipadores, que atribuem para a identidade construída de mulher uma noção de completude e de realização individual, em oposição a valores que poderiam demonstrar fraqueza ou imperfeição.  A atuação dos meios de comunicação se volta para diversas culturas, conforme Severiano (2001), gerando com isso uma perda da consciência crítica. Essa perda de consciência crítica acaba por fazer com que ocorra uma plena aceitação de modelos propostos diante de uma concepção de razão e de liberdade de atuação da mulher na sociedade, construindo imagens que podem ser avaliadas como socialmente desejáveis apenas para aceitação de legitimação da relação entre corpo e consumo.  Com base nessa abordagem se pode expor a imagem de boneca em cadeira de rodas, que demonstra a diversidade como sustentação de um objeto passível de ser manipulado diante da realidade social.  Imagem de boneca em cadeira de rodas  Fonte: <https://www.amazon.com.br/Barbie-Fashionista-Negra-Cadeira-Rodas/dp/B08HG1NWKB> Acesso em: 14/02/2022  Assim, valores e situações de diversidade, que integram a sociedade, passam a ser aplicados como produto de uma indústria cultural, que usa de uma ideologia como representação do que considera relevante em busca de uma reestruturação do modo de ser contemporâneo e na conformação de pensamentos e comportamentos, que Kellner (2001) expõe como funções atribuídas a certos rituais que visam integrar certos indivíduos na ordem social, celebrando valores que proporcionam mudanças de pensamento, de comportamento e de relações de gênero que sejam imitados.  Nessa perspectiva, a imagem de uma boneca cadeirante surge como modelo a ser aceito em busca de quebrar certos estereótipos e surge sustentada por uma ideologia que, com base em Moreira e Sloan (2002), expressa os sistemas que visam produzir novos e ávidos participantes em relações sociais.  Assim, a sociedade hodierna acaba por aceitar novas representações que influenciam comportamentos e replicam visões e concepções que passaram a integrar a nova percepção social.  Essa construção de efeitos vinculados com a identidade de mulher no mundo contemporâneo extrapola uma única percepção do discurso do corpo, em que o corpo da mulher surge como modelo imposto pela sociedade extrapolando a subjetividade para desenvolver um pensamento que possa ser mais crítico sobre os denominados padrões de corpo que surgem como socialmente impostos tanto pela atuação da mídia como pela atuação da própria sociedade.  **CONSIDERAÇÕES FINAIS**  O texto se desenvolveu em uma progressão que implica a exposição inicial de que a sociedade tem a língua materializada por meio do discurso e essa relação afeta e influencia as relações sociais, que implicaram verificar que na formação de identidade feminina ocorre um descompasso com as modificações que o mundo vem apresentando.  Dentro desse enfoque, o texto expôs ao longo do primeiro capítulo a conceituação do discurso que se materializa no corpo e que esses discursos produzem sentidos dentro de um contexto, especialmente, tendo em vista que a produção de sentidos ocorre da significação ideológica que esse recebe.  O corpo expressa sentidos, e esses sentidos podem ser desdobrados, sendo possível a aplicação da análise do discurso para sua verificação, uma vez que o corpo é extensão do pensamento e tem uma finalidade que proporciona compreender que o corpo se configura como unidade de sentido, e tal como um texto imprime sentidos que expressam outros sentidos em confronto com a realidade, o contexto e o momento histórico em que se insere.  Assim, o estudo permitiu concluir que o corpo expressa sentidos e que a análise de discurso propicia entender o corpo como manifestação social desse discurso, demonstrando que o estudo alcança seu objetivo ao se constituir nas análises expressas de que o corpo é materialidade discursiva e objeto simbólico permitindo entender se insere em uma forma de linguagem que é atravessada pela história.  Assim, o corpo acaba por expressar os moldes da sociedade e o contexto no qual está inserido, proporcionando assim entender que as alterações sociais afetam de forma direta os padrões que o corpo representa ao longo do tempo, sendo esses expostos por meio de discursos que se verificam nas representações da imagem feminina que se faz.  O estudo desenvolvido também permite entender que as relações do corpo feminino ao longo da história perpassam por entendimentos variados e são representados de formas diversas, em perspectiva da teoria do discurso, conforme as análises que se desenvolveram no corpo do trabalho e que permitem entender as representações que constroem a identidade feminina no mundo contemporâneo.  Assim, o estudo se encerrou diante do objetivo proposto, mas não implica finalizar as possibilidades de análises que esse tema proporciona para estudos, que expressam a relevância da abordagem desenvolvida, tendo em vista que os efeitos de sentidos extrapolam uma única percepção do discurso.  Assim, foi observado que a análise discursiva do corpo é algo relevante e proporciona uma forma diversa de compreender o posicionamento dos sujeitos no mundo contemporâneo, especialmente em busca de gerar uma nova percepção que quebre preconceitos, e que permitam entender que esse discurso faz parte da contemporaneidade.    **REFERÊNCIAS**  BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2004.  BAUMAN, Z. A **sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.  BUTLER, Judith R. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.  CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006  FAIRCLOUGH, N. **A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades**. In: MAGALHÃES, C. (Org.) **Reflexões sobre a análise crítica do discurso.** Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 31-82.  FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; NASCIMENTO, Fábio Santiago; RODRIGUES, Maria Eduarda. **Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 67-87, jan./abr. 2017.  FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas***, 9* (2), 586-599. 2001.  FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.  GIBSON-GRAHAM, J. K. **The end of capitalism (as we knew it): a feminist critique of political economy**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006. 348 p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/x8dV6gYsYxkQmqzR4sHjBtg/?format=pdf&lang=pt> acesso em 16 de maio de 2022. GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. HASHIGUTI, S. T. **O corpo como materialidade do discurso**. In: SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 3, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/SimoneHashiguti.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2022.  HASHIGUTI, S. T. **Corpo de memória.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas-SP, 2008.  KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2013.  KELLNER, D. **A cultura da mídia.** Bauru, SP: EDUS, 2001.  MAINGUENEAU, Dominique. (1997). **Novas tendências em análise do discurso.** 3.ed. Trad: Freda Indursky. Campinas: Pontes.  MUSSALIN, F. **Análise do discurso: da objetividade científica ao terreno fluído da interpretação**. In: FERNANDES, C.A., & SANTOS, J.B.C.dos (orgs). **Análise do Discurso:** unidade e dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004, p. 71-94.  NIETZSCHE, F. W. **Assim falava Zaratustra.** Tradução.: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010**.**  ORLANDI, E. **Análise de discurso:** princípios e parâmetros. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2009.  ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. 189p.  PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas**: Ed. da Unicamp, 1993, p. 61 – 105.  PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.  PINTO, Danilo Corrêa. CORPO FEMININO, DISCURSOS, MEMÓRIA DISCURSIVA E IDENTIDADES: DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA DO CARNAVAL CARIOCA. **III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade** (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE. Campinas, 2012. Disponível em: <https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/PINTO_DANILO_CORREA.pdf> acesso em 15 de maio de 2022.  PINTO, Danilo Corrêa. Olhares discursivos sobre o corpo. **Anais do SILEL.** Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/520/o/17.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/520/o/17.pdf") Acesso em 15 de maio de 2022.  SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral. Trad**. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.  SEVERIANO, M. F. V. **Narcisismo e publicidade:** Uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2001.  SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 11 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012, p. 7-72.  **Referencias complementares**  ANDRADE, Â. & BOSI, M. L. M. Mídia e subjetividade: Impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição***,16* (1), 117-125, 2003, janeiro/março.  CALDAS, W. **Temas da cultura de massa:** Música, futebol e consumo. São Paulo: Villipress, 2001.  CASTRO, A. L. de. **Culto ao corpo e sociedade:** mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume, 2003.  COURTINE, J. J.  **História do corpo**: Da Renascença às Luzes. Vol. I. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.  CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012  JACKSON, P. **Consumption and identity:** The cultural politics of shopping. European Planning Studies, v.7, n.1, p. 25-39, 1999.  JORDÃO, Aline Bedin. Corpo-sujeito-discurso: reflexões iniciais. [**n. 8 (2018): Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem** (jul dez/2018)](file:///C:/Users/20151012500119/Downloads/n.%208%20(2018):%20Revista%20DisSoL%20-%20Discurso,%20Sociedade%20e%20Linguagem%20(jul%20dez/2018)).  MILANEZ, N. **As aventuras do corpo**: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – UNESP: Araraquara – SP, 2006.  MOREIRA, V. & SLOAN, T. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002. |
|  |